

CONFLITOS ENTRE MONGES E BISPOS: FORMAS DE ATUAÇÃO MONÁSTICA NAS CONTROVÉRSIAS CRISTOLÓGICAS (428-451)

Lucas Moreira Calvo

O monasticismo cristão surgiu no Egito e depois na Palestina e na Síria, por volta do final do século III, e representou um fenômeno social variado, que assumiu diferentes características e atraiu pessoas de diversos extratos sociais. Designados pelo vocábulo grego *μοναχός* (aquele que vive sozinho), esses ascetas buscavam a solidão de desertos, cavernas e pilares abandonados, a fim de restaurar o que enxergavam como um estilo de vida mais próximo dos ideais evangélicos. Contudo, essa ruptura com a sociedade não era completa e, por vezes, os monges eram atraídos por assuntos alheios, a princípio, ao seu isolamento, o que os levava a abandonar o “deserto” e a atuar na sociedade de formas diferentes daquelas que costumamos imaginar.

Seja em hagiografias, cartas, atas conciliares ou relatos historiográficos, não é incomum encontrarmos evidências do envolvimento de monges em conflitos com autoridades eclesiásticas e imperiais no período tardoantigo. Não por acaso, a partir das últimas décadas do século IV e da primeira metade do século V, autoridades imperiais e eclesiásticas tentaram evitar o envolvimento monástico na perturbação da ordem pública. Talvez a tentativa mais simbólica tenha sido a instituição dos cânones disciplinares voltados aos monges no Concílio de Calcedônia (451), que, em linhas gerais, buscavam submeter o monasticismo à autoridade dos bispos, em um esforço de integrá-los à igreja imperial.

Ao longo da primeira metade do século V, no decorrer dos confrontos entre monges e bispos nas controvérsias em torno das naturezas de Jesus, o monacato empregava diferentes estratégias para desafiar as autoridades episcopais. Uma delas era a violência direta e indireta contra seus oponentes, cujo intuito podia ser a intimidação, a coação ou a humilhação dos bispos da facção adversária. Esse tipo de ação foi usado por monges para intervir no curso das disputas travadas em torno dos concílios de Éfeso, nos anos de 431 e 449.

Em 431, por exemplo, quando o imperador Teodósio II convocou uma reunião em Calcedônia para tentar conciliar os partidários de Cirilo e Nestório, respectivamente, bispos de Alexandria e Constantinopla, os monges, que eram fervorosos partidários de Cirilo, atacaram com pedras a comitiva de bispos partidários de Nestório (TEJA, 1999: p. 188-189). Em outra ocasião, dessa vez em Éfeso, em 449, após a renovação da disputa entre as sedes de Alexandria e Constantinopla, monges aliados dos alexandrinos, junto com soldados, teriam invadido o palácio episcopal efesino para ameaçar o bispo da cidade por ter recebido um bispo da facção adversária (THE ACTS OF THE COUNCIL OF CHALCEDON, 2005: p. 141). Outro episódio, ocorrido durante o mesmo concílio, envolveu monges e soldados armados com porretes e espadas, que teriam obrigado a assembleia episcopal a assinar a condenação do bispo Flaviano de Constantinopla (THE ACTS OF THE COUNCIL OF CHALCEDON, 2005: p. 153-154).

Entretanto, no contexto das controvérsias religiosas, a violência não era a única estratégia de atuação utilizada pelo monacato nos conflitos travados com autoridades episcopais. Outra forma de intervenção monástica nessas disputas era a submissão de petições às autoridades públicas, prática comum no campo jurídico e político-administrativo durante o período tardoantigo. Assim, através desse tipo de ação, os monges “convocavam” autoridades civis ou eclesiásticas a arbitrar o conflito.

CALVO, Lucas Moreira. Conflitos entre Monges e Bispos: Formas de Atuação Monástica nas Controvérsias Cristológicas (428-451). *Discursos e Conflitos*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



Tratava-se, portanto, de um meio pelo qual os monges poderiam persuadir autoridades públicas a apoiar sua causa.

Em 449, na ocasião em que o governador de Osroena se dirigiu à Edessa para investigar o conflito entre os habitantes da cidade e seu bispo, foi através de uma petição apresentada por um presbítero que clérigos, monges e leigos informaram os motivos de sua insatisfação com seu bispo. Além disso, os peticionários solicitavam ao governador que suas denúncias fossem levadas ao conhecimento dos bispos da diocese e dos altos funcionários imperiais. Considerando os desejos expressos na petição e nas aclamações entoadas pelos participantes da audiência, o governador incluiu o documento em seus informes (THE SECOND SYNOD OF EPHESUS, 1881: p. 58-59). Dessa forma, os opositores do bispo de Edessa conseguiriam apoio imperial para levá-lo a julgamento no Segundo Concílio de Éfeso (449).

Por fim, outra estratégia de confronto utilizada pelos monges era a instigação e a participação em tumultos que visavam pressionar autoridades episcopais e imperiais a favor de suas demandas. Em seus escritos, Nestório denuncia a participação de monges nos tumultos ocorridos em Constantinopla após sua condenação no concílio dirigido por Cirilo de Alexandria. Os manifestantes disseminaram revelações sobre o bispo da capital, supostamente obtidas em sonhos e profecias, conspiraram com clérigos e eunucos da corte imperial, e, para impressionar o imperador, aclamaram como líder o abade Dalmácio, que vivia recluso em seu mosteiro há cerca de quarenta e oito anos (TEJA, 1999: p. 186). O objetivo monástico era persuadir Teodósio II a abandonar seu bispo, o que de fato aconteceu após a audiência entre Dalmácio e o imperador.

Desta forma, se utilizando de um repertório de ações, os monges intervinham em assuntos que extrapolavam as questões ascéticas, e desafiavam a autoridade de bispos considerados ilegítimos, fossem por suas convicções teológicas ou pelas práticas de seu governo episcopal. Contudo, esse comportamento não estava necessariamente em contradição com os modelos de vida monástica propagandeados entre as comunidades cristãs. Desde que as ações, mesmo que violentas, estivessem de acordo com a defesa da ortodoxia, o combate aos demônios ou a luta contra a injustiça, elas poderiam ser aceitas e até mesmo louvadas em alguns meios monásticos. Nesse sentido, compreender as ações de monges em contexto de conflito é fundamental para a construção de um entendimento mais complexo da história do monacato e dos cristianismos tardo antigos.

Para saber mais

TEJA, Ramón. Emperadores, obispos, monjes y mujeres: protagonistas del cristianismo antiguo. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

The Second Synod of Ephesus. Edição crítica de S. G. F. Perry. Dartford: Orient Press, 1881.

The Acts of the Council of Chalcedon. Edição crítica de Richard Price e Michael Gaddis. Liverpool: Liverpool University Press, 3v. V.1-3, 2005.

CALVO, Lucas Moreira. Conflitos entre Monges e Bispos: Formas de Atuação Monástica nas Controvérsias Cristológicas (428-451). *Discursos e Conflitos*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>